CADERNOS DO *choro* DE PELOTAS

CENTRO DE ARTES
NÚCLEO DE MÚSICA POPULAR
LABORATÓRIO DE ETNOMUSICOLOGIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
RS-BRASIL

UFPEL

CADERNOS DO *choro* DE PELOTAS

Ficha Técnica

CLUBE DO CHORO DE PELOTAS

Rui Madruga

Pardal Moura

Eduardo Brasil

Mário Fraga

Julinho do Cavaco

Paulinho Martins

Paulo Lima

Gil Soares

Julia Alves

Vasco Jean Azevedo

João Pinheiro Neto

Gustavo Mustafé

Diego Portella

Marcelo Miranda

Rafael Velloso

Rafael Irala

Everton Maciel

Otávio Dellevedove

COORDENAÇÃO GERAL DO PROJETO
Rafael Henrique Soares Velloso

CONCEPÇÃO
Clube do Choro de Pelotas

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO
Eduardo Montagna da Silveira
DIRETOR DE PRODUÇÃO
LABORATÓRIO DE ETNOMUSICOLOGIA - LABET
DISCOTECA L.C. VINHOLES / CENTRO DE ARTES / UFPEL

FOTOS
Adriana Yamamoto, Everton Maciel, Lígia Poliana de Oliveira, Rafael Velloso e acervos particulares

AUTORES
Aloim Soares
Arnóbio "Toinha" Madruga Borges
Germano Pinho
Julinho do Cavaco
Paulinho Martins
Possidônio Tavares
Raul Costa d'Ávila

REVISÃO
Guilherme Tavares

TRANSCRIÇÃO DAS HISTÓRIAS
Lígia Poliana de Oliveira

TRANSCRIÇÃO DAS MÚSICAS E REVISÃO DAS PARTITURAS
João Pinheiro Neto, Rafael Henrique Soares Velloso, Raul Costa dÁvila e Ivanov Basso

CLUBE DO CHORO DE PELOTAS

CENTRO DE ARTES
NÚCLEO DE MÚSICA POPULAR
LABORATÓRIO DE ETNOMUSICOLOGIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS RS-BRASIL

UFPEL

CADERNOS DO *choro* DE PELOTAS

Catalogação na publicação: Bibliotecária Leda Lopes - CRB-10/2064

V441c Velloso, Rafael Henrique Soares

Cadernos do Choro de Pelotas [recurso eletrônico] /

Rafael Henrique Soares Velloso. Pelotas: LABET/NuMP-UFPEL, 2017.

76 p. il.

27,14MB; PDF

Disponível em:

http://wp.ufpel.edu.br/bachpopmus/files/2017/09/cadernos-do-choro-de-Pelotas.pdf

1. Choro de Pelotas; 2. Avendano Jr.; 3. Etnomusicologia partipativa.

I. Título.

CDD: 780.42

CADERNOS DO *choro* DE PELOTAS

"Toinha" (terceiro da esquerda para a direita) em formação de banda.
Foto: Acervo família Arnóbio "Toinha" Borges.

Sumário

Introdução	*11*
Sobre o choro em Pelotas	*15*
Julinho do Cavaco	*18*
• *Pra ti Toinha*	*20*
• *Chorei sem querer*	*24*
Paulinho Martins	*28*
• *Suldade*	*29*
Raul Costa d'Ávila	*34*
• *Na casa do João*	*37*
• *Meu amigo Avendano*	*41*
Possidônio Tavares	*44*
• *Vivendo e aprendendo!*	*47*
• *Tempo de gafieira*	*51*
Germano Pinho	*55*
• *Dois caminhos*	*57*
Aloim Soares	*61*
• *Resmungão*	*63*
Toinha	*67*
• *Tio João*	*69*
Agradecimentos	*73*
Colófon	*76*

Clube do Choro em apresentação no Dia Nacional do Choro. Mercado Público Municipal de Pelotas, 2016.
Foto: Adriana Yamamoto

Introdução

Rafael Henrique Soares Velloso

A cidade de Pelotas apresenta em sua história uma forte vocação boêmia e, nesse contexto, destaca-se a prática do choro como uma sonoridade local fortemente ligada à identidade brasileira. O Regional Avendano Jr., um dos principais grupos de choro da cidade com mais de 30 anos de atuação, segue se apresentando semanalmente e conta ainda com dois músicos da sua formação original – o violonista Milton e o cantor e cavaquinista Roberval.

O Bar Liberdade, que fechou as portas em 2013, tornou-se conhecido em todo o estado através do documentário O Liberdade (Moviola Filmes, 2011) e foi, por mais de 20 anos, o principal reduto do choro na cidade. O local, onde se apresentava semanalmente o Regional Avendano Jr., acabou se tornando um ponto de encontro de músicos e apreciadores do gênero. Com o fechamento do bar e o falecimento do compositor e cavaquinista pelotense Avendano Jr. outros músicos da mesma geração (jovens aspirantes, cantores e frequentadores do Liberdade) continuaram a se encontrar em locais alternativos evocando o ambiente musical e democrático que caracterizava o saudoso bar e suas reuniões. Essas vivências deram origem a outros grupos de choro, dentre os quais se destacaram, recentemente, o Sovaco de Cobra, o Ninho do Pardal e o Choro de Passarinho.

Foi neste contexto de renascimento do choro pelotense que em 2015 foi criado o Clube do Choro de Pelotas em homenagem a Avendano Júnior. Em março de 2016 o clube iniciou uma parceria com o projeto de extensão Encontros de Música Popular da UFPEL, integrado por professores e alunos do bacharelado em Música, visando a ampliação dos encontros semanais para o estudo e a prática do choro que vinham sendo promovidos pelos integrantes do clube desde sua fundação. Além desses encontros o clube encontrou um novo local para as rodas quinzenais: o Mercado Público Municipal, espaço gerido pela prefeitura e pela iniciativa privada onde o grupo conquistou a admiração do público ao promover o choro pelotense em um ambiente democrático que reúne músicos experientes e iniciantes – e onde, anualmente, é celebrado com uma grande roda em 23 de abril o Dia Nacional do Choro.

Após dois anos de atividades o Clube do Choro, em parceria com o Laboratório de Etnomusicologia e o Núcleo de Música Popular da UFPEL, nos presenteia com esta publicação que tem como objetivo divulgar as composições dos chorões pelotenses. O caderno reúne dez composições de alguns músicos da nova e velha guarda do choro de Pelotas que tiveram contato direto e indireto com o Regional Avendano Jr.; além das partituras estão também incluídas histórias e narrativas musicais que contextualizam essas músicas e seus autores.

Clube do Choro em apresentação no Dia Nacional do Choro. Mercado Público Municipal de Pelotas, 2016.
Foto: Adriana Yamamoto

Por meio de linhas melódicas e encadeamentos harmônicos cada compositor nos revela um pouco sobre suas vidas e nos ensina sobre essa prática musical tão marcante na história cultural da cidade. São choros e serestas que foram trazidas à vida graças às relações pessoais, musicais e fraternas de seus músicos. O caderno foi resultado de um trabalho colaborativo, com base na proposta de que os compositores e/ou seus herdeiros participassem ativamente da produção e organização de suas contribuições, para que suas histórias fossem apresentadas com suas próprias palavras.

Julinho do Cavaco (Chorei sem Querer e Pra ti Toinha) e Paulinho Martins (Suldade) trazem composições nascidas do contato intenso com dois importantes músicos do célebre regional, o cavaquinista Arnóbio Borges Madruga o "Toinha" e o líder do grupo Avendano Jr. Já o flautista e professor do Bacharelado em música da UFPEL Raul D'ávila, além de participar do projeto desde sua concepção, contribuiu com duas de suas composições: Na Casa do João e Meu Amigo Avendano – esta última fruto de sua amizade com Avendano Jr., produzindo uma bela homenagem musical. Essa parceria fraternal entre os músicos de choro se estende à cidade vizinha e irmã Rio Grande, e é sentida na presença marcante e frequente do músico, compositor e multi-instrumentista Possidônio Henrique Tavares, que nos brinda com Tempo de Gafieira e Vivendo e Aprendendo. Apesar de residir em Rio Grande, Possidônio continua participando das rodas de choro em Pelotas. Integram ainda o caderno a composição Dois Caminhos, de Germano Pinho e Avendano Jr., choro gravado em 1984 no disco Falta Você, o único registro fonográfico de Avendano realizado graças à parceria e insistência do violonista, amigo e parceiro musical Germano Pinho.

E para fechar esta publicação com chave de ouro estão duas trancrições de dois dos principais integrantes do regional Avendano Jr., já falecidos: Resmungão, do Violonista de 7 Cordas Aloim Soares, e Tio João, do cavaquinista "Toinha" – esta última também gravada no disco Falta Você.

Além do lançamento deste material no formato PDF – distribuído gratuitamente pela plataforma digital da UFPEL – o Clube do Choro, em parceria com a Câmara Legislativa de Pelotas, promove no dia 19 de novembro de 2017 a comemoração da aprovação da lei que cria o Dia do Choro em Pelotas em 19 de novembro, aniversário do Cavaquinista Pelotense Avendano Junior. Posteriormente o Clube do Choro de Pelotas, em parceria com o Bacharelado em Música Popular da UFPEL, pretende realizar concertos menores de caráter didático para a divulgação dessas histórias e repertórios em escolas da região.

Finalmente, como parte das atividades de divulgação do universo musical e cultural do choro pelotense, a discoteca L. C. Vinholes anuncia a criação da coleção Avendano Jr, composta de fonogramas de documentos manuscritos sobre a atuação do Regional Avendano Jr, que reunidos de forma colaborativa visa permitir o acesso a registros históricos importantes sobre essa prática cultural na cidade de Pelotas.

Boa leitura a todos!

Clube do Choro em apresentação no Dia Nacional do Choro. Mercado Público Municipal de Pelotas, 2016.
Foto: Adriana Yamamoto

Sobre o choro pelotense

Rafael Henrique Soares Velloso

A tradição do choro na Cidade de Pelotas remete ao início do séc. XX, quando já se faziam conhecidos grupos em Pelotas e Rio Grande que praticavam o choro. Apesar de pouco conhecida no cenário musical nacional e distante dos centros urbanos de maior visibilidade cultural como Rio de Janeiro e São Paulo, a cidade, que popularizou-se através do trabalho de músicos como Rubens Leal Brito e Avendano Jr., ainda hoje abriga grupos musicais que possuem uma forte conexão com esse gênero. Segundo a historiadora pelotense Taís de Freitas Carvalho os músicos pelotenses desde o inicio do século XX mantiveram contato com práticas musicais de diversas regiões do país por intermédio de seus visitantes – militares, marinheiros, comerciantes e músicos, que chegavam aos seus portos advindos da capital federal e de outros centros urbanos do país. Esses visitantes traziam consigo a memória de suas práticas musicais regionais, o que colaborou para ampliar a variedade de estilos repertórios dos músicos da cidade.

A existência desse trânsito de músicos brasileiros que excursionavam ao sul do país também foi analisada pelo antropólogo e professor do curso de música da UFPEL Luís Fernando Hering Coelho que se debruçou nos últimos anos sobre as práticas e imaginários musicais em Pelotas nas décadas de 1920 e 1930. Em sua pesquisa Coelho apresenta uma instigante análise sobre algumas notícias publicadas em jornais de Pelotas na década de 1920 sobre passagem pelas cidades de Pelotas e Rio Grande das turnês artísticas de dois célebres grupos de música popular do Rio de Janeiro: Os Oito Batutas, de Pixinguinha, em 1928 e os Azes do Samba, de Noel Rosa, em 1932.

A partir destes vestígios sobre o fluxo de repertórios e da germinação de tradições locais fortemente conectados com o choro, é que o gênero, popularizado nacionalmente pelos grupos e rádios cariocas, surge não só como ponto de partida mas como forte elemento identitário das práticas musicais realizadas em Pelotas e Rio Grande.

Identificamos, através do contato direto com uma nova geração de músicos que fundaram o Clube do Choro de Pelotas, alguns indícios de práticas musicais que remetem à criação e manutenção de espaços de socialização que passaram a se identificar com essa tradição. A partir da observação participante nos encontros promovidos pelo clube foi possível analisar distintas estratégias utilizadas pelos músicos para compor e pensar o seu fazer musical. Como fruto dessa interação foi também possível observar o variado leque de influências musicais desses músicos, tanto de chorões pelotenses – tais como Avendano Júnior, Roberval, Renato, Toinha, Milton, Nogueira e Possidônio – quanto de chorões de renome nacional – como Pixinguinha, Waldir Azevedo, Jacob do Bandolim, Abel Ferreira e K-ximbinho.

Tendo como referência o registro da memória oral dos músicos que compuseram este caderno foi possível analisar que essa influência ocorreu em dois contextos distintos: o primeiro através da escuta sistemática de discos de acetato comprados de gravadores cariocas (tanto de 78 RPM das gravadoras Odeon e Victor como de discos de vinil produzidos na década de 1970) de músicos de choro elencados como referência em seus instrumentos, e o segundo através da prática musical realizada durante 35 anos de atuação do regional Avendano Júnior no Bar Liberdade.

Infere-se a partir dos relatos dos músicos entrevistados que tanto a radiodifusão como a indústria fonográfica foram fundamentais para a manutenção dessa tradição musical e sua resiliência na cidade de Pelotas. Nota-se que apesar desta forte identificação com os grupos cariocas, os grupos de choro pelotenses desenvolveram distintas maneiras de adaptação, assimilação e transformação desta prática musical resultando na criação e manutenção de uma identidade local e um estilo interpretativo e composicional distinto das tradições congêneres de outras regiões do país.

Quanto à reconstrução da memória e a produção de novos registros sobre essas práticas, observamos que tanto o lançamento deste caderno como a criação da coleção Avendano Júnior e a manutenção dos encontros do Clube do Choro de Pelotas no Mercado Público são ações fundamentais para a preservação desse gênero e valorização dos músicos pelotenses.

Foi possível identificar nesses eventos a importância política da ocupação pelo clube de espaços públicos como o Mercado Municipal da cidade. As rodas ali promovidas pelo grupo se destacam pela recriação de um ambiente informal, colaborativo e democrático, nos quais a tradição musical das rodas do Bar Liberdade é evocada. Tal evento entrou rapidamente para o calendário informal da cidade despertando a atenção da câmara municipal, culminando com a aprovação da lei que promove o Dia do Choro em Pelotas em 19 de novembro, aniversário de nascimento de Avendano Júnior.

Com relação à prática musical dos chorões pelotenses cujas composições compõem este caderno, ficou evidenciada através de entrevistas a importância das gravações de intérpretes do choro carioca no desenvolvimento de um repertório e na aprendizagem de um

estilo de choro considerado como tradicional. Ficou evidente também a valorização do conhecimento, estilo e performance dos músicos do Regional Avendano Júnior, que também passaram por esse mesmo processo de apropriação e aprendizagem musical, transmitindo aos músicos mais novos a experiência adquirida em relação ao repertório e aos estilos de interpretação locais.

Em relação às relações sociais estabelecidas durante as apresentações do clube ficou evidenciado, pelos músicos e público, a evocação das experiências musicais vividas no Bar Liberdade, trazidas hoje ao novo contexto de boemia do Mercado Municipal, sendo notável a participação e o apoio de ouvintes que se relacionam afetivamente com essa música.

Buscamos nas atividades de pesquisa, ensino e extensão inicialmente propostas pelo projeto do Núcleo de Música Popular da UFPel, em parceria com o Clube do Choro e o Laboratório de etnomusicologia da UFPEL, aproximar as ações de pesquisa às performances de grupos musicais locais, aprofundando a experiência e o contato com uma prática musical que transita entre as fronteiras da academia, ampliando assim as vivências e o conhecimento de discentes e docentes do curso e repercutindo em uma atividade cultural com uma importância social mais ampla.

Acreditamos que a partir dessas ações voltadas para a continuidade dos projetos de pesquisa centrados na catalogação, digitalização e difusão das gravações e transcrições deste repertório, assim como as ações de promoção e revitalização das práticas musicais locais possamos estimular o surgimento de novos músicos conectados com essa tradição, multiplicar as ações geradas nesses espaços e ampliar a relação entre a universidade e as práticas de grupos musicais locais.

Julinho do Cavaco em sessão de gravação de entrevista na Discoteca L.C. Vinholes - LabEt / UFPEL, 2016.
Foto: Everton Maciel.

Julinho do Cavaco

"Júlio Nei Candiota Quintian, nascido em Bagé em 28 de junho de 1956. Este ano faço 60 anos e há 36 anos atuo como músico profissional em Pelotas e região. Comecei a aprender música em fevereiro de 1972 no bairro de Santa Teresinha. Naquele ano comprei um violão, ia para a esquina da minha rua emprestar aos amigos que já tocavam. Ao compartilhar o instrumento aprendia com eles, desenhando em um papel os acordes do braço do violão e assim comecei a aprender.

Conheci o choro em 1980 quando iniciei a minha vida profissional no centro de Pelotas já tocando cavaquinho. Foi lá que tive o primeiro contato com o bar Liberdade e o regional do Avendano. Tocavam no grupo nessa época o Nogueira, Toinha, Renato e Aloim, que era primo irmão do meu pai. Aprendi a tocar o choro através do cavaquinista do regional, "Toinha", que me chamava frequentemente para dar uma canja, assim comecei a acompanhar o Avendano e aprender as suas músicas.

Mais tarde estudei produção e teoria musical com Giovani Goulart e Tuniko Goulart, elementos que pude pôr em prática com o contato mais direto com músicos como o Possidônio Tavares, com quem aprendi a tocar harmonias mais complexas e a reharmonizar de ouvido."

"Pra Ti Toinha"

Em 1980, quando iniciei minha vida profissional como músico tive a oportunidade de conviver com o regional Avendano Júnior, que atuou por vários anos no "Bar Liberdade". Por ser um local muito frequentando pelos amantes do chorinho, se tornou um ponto de referência na cidade de Pelotas (RS). Ali conheci o Nogueira (Surdo), João Carlos (Pandeiro), Renato (Flauta), Roberval (Vocalista), Aluim (Violão 7 cordas), Avendano (Cavaco Solo), e o Toinha (Cavaco Base). Arnóbio Madruga Borges faleceu em 28/08/2000. Carinhosamente conhecido como "Toinha", sempre foi uma pessoa tímida; falava pouco mas costumava balançar a cabeça positivamente, além de esboçar um leve sorriso.

Certa vez o Nogueira, em tom de brincadeira, me confidenciou ao pé do ouvido o seguinte: "Julinho, nunca discorde do Toinha". Curioso, eu perguntei: "Por quê?" Nogueira então respondeu: "Se ele balançar a cabeça ao contrário dizendo não, a cabeça cai do pescoço". Rimos muito. Com o Toinha aprendi a melhorar a harmonização das músicas, com acordes que na época, não sabia qual a função exercia do campo harmônico. Toinha saía do Bar Liberdade e continuava a sua jornada de trabalho, indo tocar na boate O Sobrado, casa noturna que ainda encontra-se em atividade. Eu costuma frequentar O Sobrado, e também aproveitava para dar uma "canja" pro Toinha quando ele me solicitava.

Ele usava um cavaco da marca "Dinâmico" que tinha as cordas altas. Isso fazia com que eu digitasse os acordes exercendo uma certa força. Bem, em Agosto/2014, por duas noites seguidas eu sonhei com o Toinha, que além de um excelente músico, gostava de apostar no jogo do bicho, inclusive sendo premiado por várias vezes, com

duas centenas no mesmo jogo, tamanha a sorte que ele tinha. No sonho ele apareceu com um casacão cinza que costumava usar no inverno, de chapéu, e com as mãos no bolso. Inicialmente pensei em jogar na centena de minha preferência, a "376", mas como não tenho o costume de jogar, resolvi homenageá-lo com um chorinho.

Certo dia praticando um modo mixolídio de sol maior, para aquecer a mão, dei início ao choro. O choro possui duas partes, possui um andamento alegre, será escrito para uma flaua transversal, é composto por uma harmonia agradável, gostosa de escutar. Foi concluído em 06 de setembro de 2014.

Acredito que este chorinho tem tudo a ver com o grande músico que "ele" foi, e também com a pessoa querida e adorada por todos que conviveram com ele. O nome do choro é: "Pra Ti Toinha", a meu gosto bem sugestivo.

Julinho do Cavaco

AUTOR DO CHORO "PRA TI TOINHA"

PRA TI TOINHA

Samba Choro

Forma: AABBAA

Julinho do Cavaco

♩ = 120

E7
Am7
D7(9)
G
40
To Coda
1 D7
2 B7
B
Em
Em7M
44
Am7
Am/G
F♯m7(♭5)
B7
48
1 Em
B7(♯5)
Em
C♯m7(♭5)
F♯7
52
B7
G♯m7
C♯m7
F♯7
56
F♯m7
B7
2 Bm7(♭5)
E7
60
Am7
D7(9)
G
B7
Em
G7
64
F♯m7(♭5)
B7
Em
Em7M
D7(9)
D.S. al Coda
68
G
E°
G
72

"Chorei sem querer"

Numa segunda feira por volta das 10h50, cheguei na loja de instrumentos musicais "Bazar Edson", localizado à Rua Padre Anchieta, n° 2099 – Pelotas (RS), para dar uma aula de cavaquinho. O aluno pontual como sempre, costumava chegar cinco minutos antes do começo da aula, porém ao chegar 11h00 ele não compareceu.

Naquele momento olhei para o lado direito da minha mesa e percebi meu cavaquinho dentro do estojo. Resolvi tocar um pouco, pois havia passado o fim de semana longe do instrumento.

Ao entoar algumas notas aleatoriamente, percebi o desenrolar de uma melodia que parecia ter a característica de um chorinho. Como nunca desenvolvi a técnica de solo, naquele momento estava desabilitado de executar aquela melodia.

Resolvi então gravar. Peguei uma fita cassete, coloquei no meu gravador que estava sobre a mesa e, enquanto cantava a melodia para gravar, dava pausa e ia anotando a harmonia do choro em uma folha de papel. Assim fui fazendo, cantando e anotando as partes da melodia e harmonia que me vinham na mente.

Quando chegou as 11:50h, eu havia terminado um chorinho que foi construído em três partes. Saí para almoçar e ao retornar no período da tarde, tratei de passar a limpo o que eu tinha gravado. Usei o recurso da tablatura para anotar a melodia e o sistema de cifra para registrar a harmonia.

Bom, faltava então dar o nome ao chorinho. Inicialmente pensei em "Cinquenta

minutos" que foi o tempo que levei para escrever o choro. Depois pensei em "Dez para o meio dia", Também pensei em "Cinco notas" que foram as notas iniciais da construção do choro.

Percebi que os nomes embora tivessem uma ligação com a construção do choro, não soavam de bom grado. Cheguei a seguinte conclusão: como o choro foi construído sem uma prévia elaboração coloquei o nome definitivo de "Chorei sem querer".

A palavra "Chorei" pra mim tem o significado de (criar um choro) mas para quem não conhece a história, vai pensar que se trata do verbo chorar.

Isso tudo aconteceu na manhã do dia 25 de julho de 2002. Se o aluno tivesse comparecido à aula, talvez esse choro nunca seria construído, mas como diz o ditado popular: "Tem coisas que nem Freud explica"

Julinho do Cavaco

AUTOR DO CHORO "CHOREI SEM QUERER"

CHOREI SEM QUERER

Choro Canção

Forma: AABBCCA

Julinho do Cavaco

29
G7M C7M F♯m7(♭5) B7 Bm7(♭5) E7 Am7 D7(9)
33
G7M C7M F♯m7(♭5) B7 1 E A/B 2 E F F♯
37
B A♯7 A A♭7
41
E Em7 1 D♯m7 G♯7 C♯7 C♯m7 F♯7
45
2 D♯m7 G♯7 C♯m7 F♯7 Bm7 B7
D.S. al Coda
48
C/G D/F♯ E

Paulinho Martins em sessão de gravação de entrevista na Discoteca L.C. Vinholes - LabEt / UFPEL, 2016.
Foto: Everton Maciel.

Paulinho Martins

"(...) Paulo Roberto Duarte Martins, nascido em 1962 em Pelotas. A minha ligação com a música começou quando eu tinha uns 8, 9 anos por conta do meu irmão que era uns quatro anos mais velho e tocava num conjunto de baile, assim eu cresci nesse meio.

Contudo ele não me deixava tocar, anos depois um grupo de Passo Fundo se mudou para Pelotas e me convidou para tocar cavaquinho; batizamos de Roupa Velha, por ironia meu irmão que não se interessava por choro foi também convidado a tocar. O grupo era especializado em choro, formado por universitários, rapidamente passou a tocar em teatros locais e a chamar a atenção do público pelotense.

Nessa época entrei em contato com o grupo do Avendano que serviu como referência, e o bar Liberdade como local de aprendizado. Nunca tive aulas formais de bandolim mas aprendi alguns truques com os músicos do regional do Avendano, desenvolvendo a técnica e a percepção harmônica na prática."

"Suldade"

"Essa Música tem um nome bem pitoresco, né? "Suldade" que é a saudade do sul. Compus ela no ano de 1999 depois de me mudar para Salvador, na Bahia, quando senti uma melancolia e compus a música que puxa esse lado mais sentimental.

O nome veio em função disso aí. Foi a primeira vez que eu saí de Pelotas e passei nove meses longe da família, daí fica carregado, né? Então a inspiração vai toda para esse lado, e a música tem tudo a ver com isso aí, com essa situação toda que eu estava vivenciando. Foi como tirar uma coisa boa de uma coisa ruim."

Paulinho Martins

AUTOR DO CHORO "SULDADE"

SULDADE

Forma:AABBAB

Paulinho Martins

B 7
Em7(9)
Gm7
D
To Coda
24
F 7
B
B♭
Gm7
C 7
Fm
28
28
B♭7
E♭7
Cm7
Cm7
Bm7
B♭m7
32
E♭7
A♭7M(#5)
Fm7
B♭7
E♭7
36
C♯°
1 C 7(9)
Cm7(9)
F 7(13)
40
F 7(♭13)
2 F 7(9)
E 7(9)
E♭7M
44
49
D.S al 𝄋
50

Raul Costa d'Ávila em sessão de gravação de entrevista na Discoteca L.C. Vinholes - LabEt / UFPEL, 2017.
Foto: Everton Maciel.

Raul Costa d'Ávila

"Bom não sou pelotense, sou mineiro (Ubá), nasci em um ambiente musical (14 de agosto de 1961), cresci ouvindo meu pai tocando flauta. Cresci nesse ambiente, me inspirando, ouvindo valsa, choro, tango e, é claro, o choro foi muito forte e me inspirou. Mais tarde na adolescência tive um grupo de samba e choro com alguns amigos, participei de um concurso de serenatas em Cataguases na ocasião do centenário da cidade com dois amigos violonistas, tocando valsas de Patápio Silva. Neste ambiente meu pai comprou a minha flauta, fui aprendendo com ele; ele me dava aula, era viajante, não era músico profissional.

Durante a semana eu estudava, botava muitos discos para ouvir, rotação 78, tinha muitos discos lá em casa; só não tinham discos novos porque eram inacessíveis. Então meu pai tinha muitos discos do Dante Santoro, era o que mais tinha. Eu tinha uma vitrolinha no meu quarto, de rotação 33, 45 e 78, era uma Philips e eu ficava ali tocando junto. A afinação é que era complicada. Eu tinha uma flauta Billoro que também não era lá grandes coisas, mas era o que tinha. Fui tomando gosto e depois fiz o conservatório na cidade [de] Visconde do Rio Branco, sempre tocando. Em Cataguases tinha um violonista, o Zé Luís, que tocava muito bem; tinha também o meu Tio que tocava flauta e me inspirava muito. Meu pai flautista (Milton de Abreu D'ávila), meu tio flautista (Geraldo Cysneiros Guedes) e eu adolescente.

Foram músicos que me influenciaram muito. Depois do conservatório queria fazer odontologia, mas acabei assumindo a música; me formei no bacharelado em flauta da UFMG, fiz concurso para a UFPEL e tornei-me professor universitário".

"Na casa do João"

"Fruto de um diálogo calmoso e divertido de um casal. Ele, apoquentado, procurando pela escova de lustrar sapato que havia guardado e não encontrava mais. Ela, sossegada, explicando que tirou a escova daquele lugar que ele havia guardado porque aquele não era um bom lugar para deixar a escova. Enfim, situações cotidianas, domésticas, onde o diálogo verbal foi transformado em diálogo musical.

A concepção inicial foi para piccolo, para integrá-lo ao repertório do duo flauta & violão formando por Ivanov Basso e eu. Tocávamos modinhas, polcas, schotts, lundus, valsas e choros, além de composições do próprio Ivanov e temas eruditos populares.

Desta parceria criamos a harmonização e as linhas do baixo. Posteriormente passei a tocá-lo na flauta num andamento mais lento e um pouco maxixado, procurando, mais ainda, "ambientá-lo" no motivo da divertida história de sua criação".

Raul Costa d'Ávila

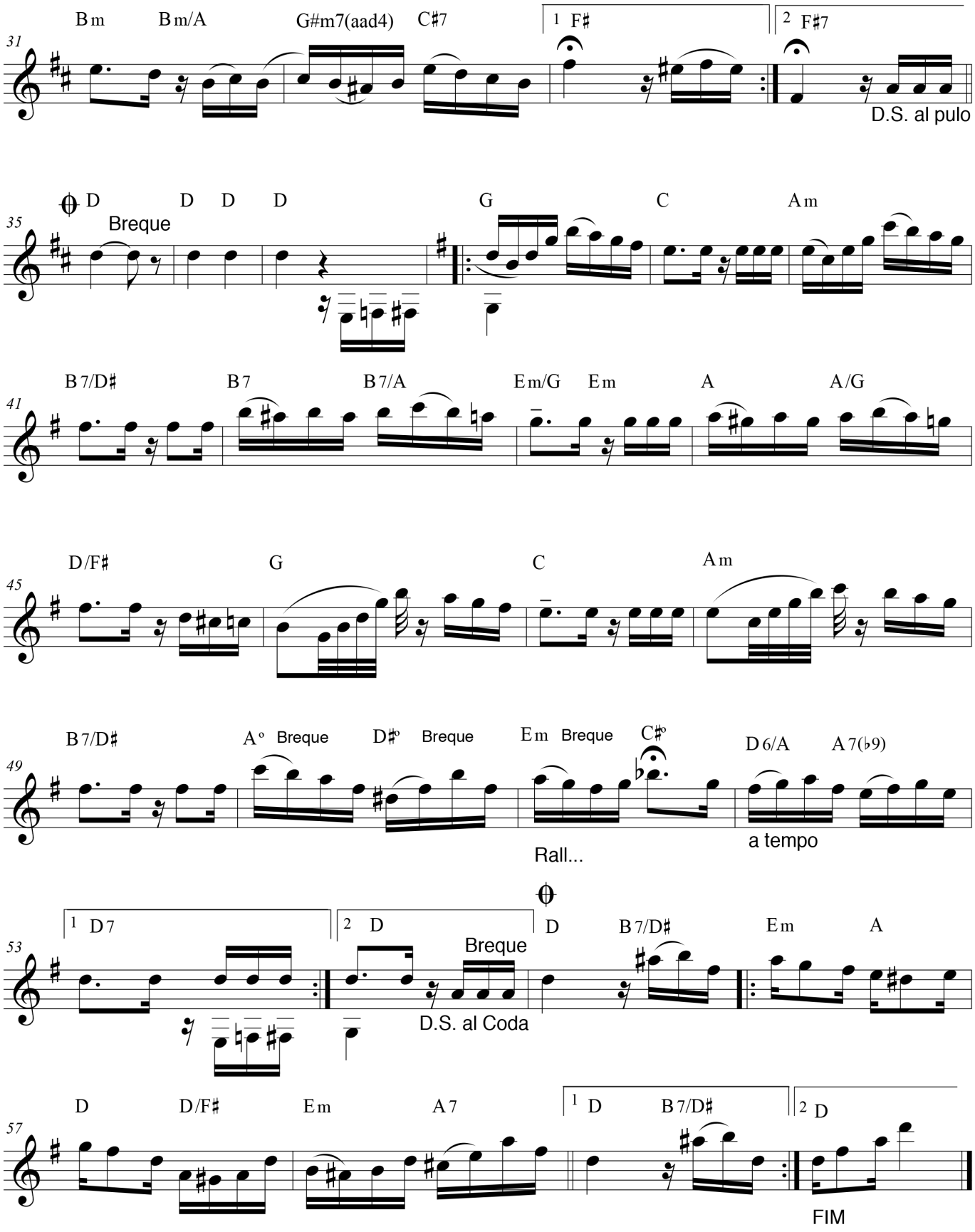
AUTOR DO CHORO "NA CASA DO JOÃO"

NA CASA DO JOÃO

Choro Maxixe

Raul Costa d'Avila

Harmonizaçâo e Baixo: Ivanov Basso e Raul


Bm
Bm/A
G#m7(aad4)
C♯7
1 F♯
2 F♯7
31
D.S. al pulo
D
Breque
D
D
D
G
C
Am
35
B7/D♯
B7
B7/A
Em/G
Em
A
A/G
41
D/F♯
G
C
Am
45
B7/D♯
A° Breque
D♯° Breque
Em Breque
C♯°
D6/A
A7(♭9)
49
a tempo
Rall...
1 D7
2 D
Breque
D
B7/D♯
Em
A
53
D.S. al Coda
D
D/F♯
Em
A7
1 D
B7/D♯
2 D
57
FIM

"Meu amigo Avendano"

"Em 2000 ou 2001, não me lembro mais, Avendano me convidou para integrar o grupo que tocava semanalmente no Liberdade ainda na General Neto, em frente ao [hotel] Curi Palace. Assim participei durante um tempo, tocando semanalmente com o grupo.

Numa daquelas noites divertidas, ao voltarmos para casa - Avendano e eu pegávamos o mesmo táxi, pois morávamos perto um do outro - fui tomar banho para me livrar daquele cheiro horroroso da fumaça de cigarro e da fritura que tinha no Bar.

De repente, no chuveiro, começo a cantarolar um tema lembrando da divertida noite que passei no Liberdade com Avendano e o grupo; ao sair do banho registrei a ideia no gravador, e no dia seguinte... pronto! Fui levar o choro de presente ao amigo, como forma de gratidão aos divertidos momentos que vivemos no Liberdade.

Posteriormente Ivanov e eu o harmonizamos e criamos os baixos, integrando-o ao repertório de nosso duo "flauta & violão"; assim, "Meu Amigo Avendano" passou a ser tocado com frequência em nossas apresentações; não demorou muito... Avendano me retribui com o seu "Era só o que flautava"!

Raul Costa d'Ávila

AUTOR DO CHORO "MEU AMIGO AVENDANO"

MEU AMIGO AVENDANO

Samba Choro

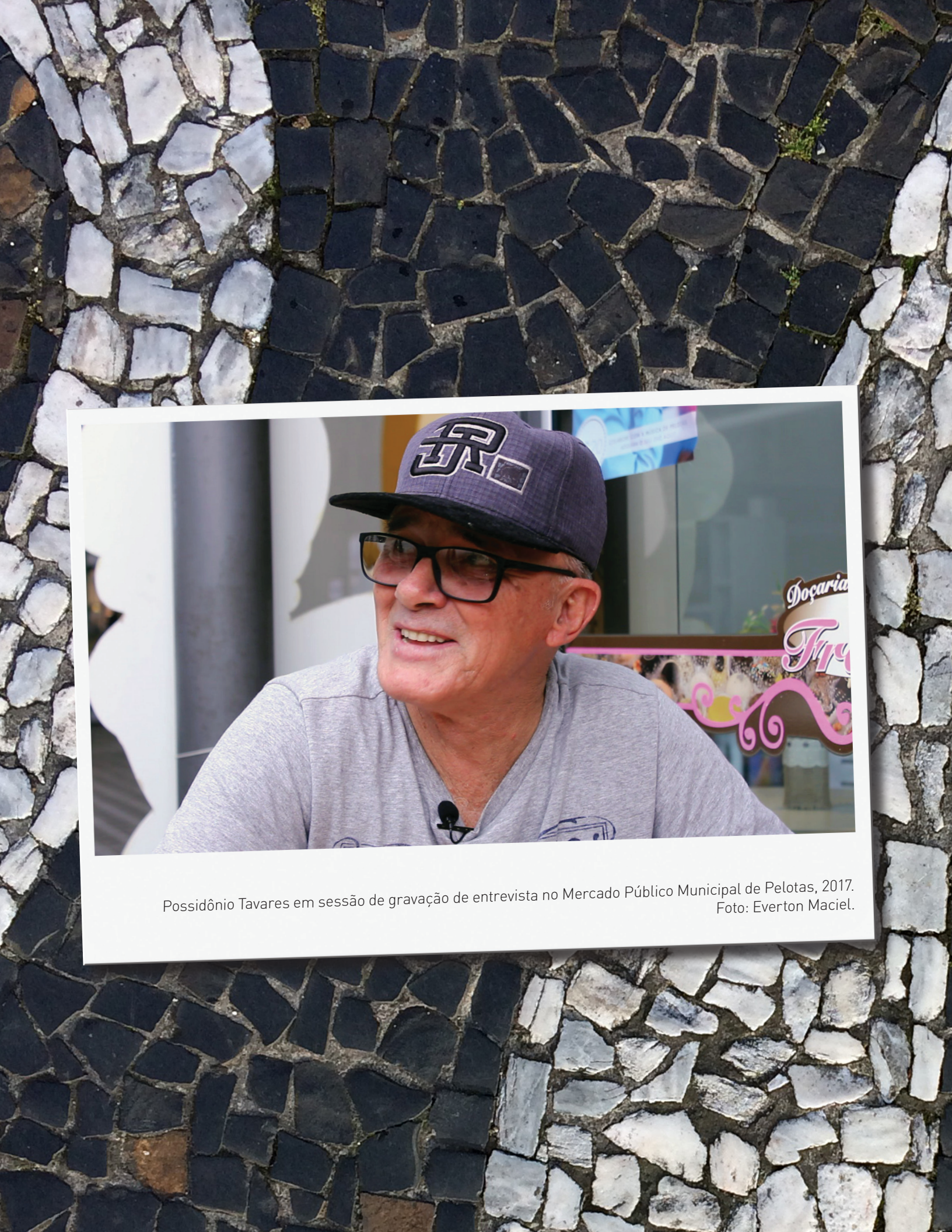
Dedicado ao compositor e cavaquinista Avendano Junior

Raul Costa d'Avila

Harmonização e Baixos: Ivanov Basso e Raul

♩ = 86

26
F♯m F♯m/G♯ F♯m/A F♯m/G♯ F♯7 A♯° C♯° A♯°
30
B m B m7/C♯ B m7/D B m7/C♯ D 6 (Breque) D m6 (Breque)
34
D♯ø G♯7 G♯7/F♯ C♯/E♯
38
C♯7/E♯ F° G♯° F° F♯m F♯m/G♯ F♯m/A
42
F♯7 A♯° C♯° A♯° B m B m7/C♯ B m7/D B m7/C♯
46
D 6 (Breque) C♯m7 (Breque) B m7 C♯7
49
F♯m F♯m F♯m 1 2 E 7
D.S. al Coda
54
A A6(9) B m/A A7M
Rall...



Possidônio Tavares em sessão de gravação de entrevista no Mercado Público Municipal de Pelotas, 2017.
Foto: Everton Maciel.

Possidônio Tavares

"Nasci em Rio Grande em 17 de maio de 1948. Comecei a tocar com 8 anos de idade. Com dez anos enfrentei algumas coisas... Carnavais... tu vê, é uma... É uma data! Estudei clarinete, comecei no clarinete e posteriormente no cavaquinho.

Vim de uma família tradicional de músicos, da família da minha mãe. Fomos criados no meio da música. Meu avô, meus tios, tocavam 'n' instrumentos. Nós ficamos lá no meio deles aprendendo assim, um pouco autodidatas.

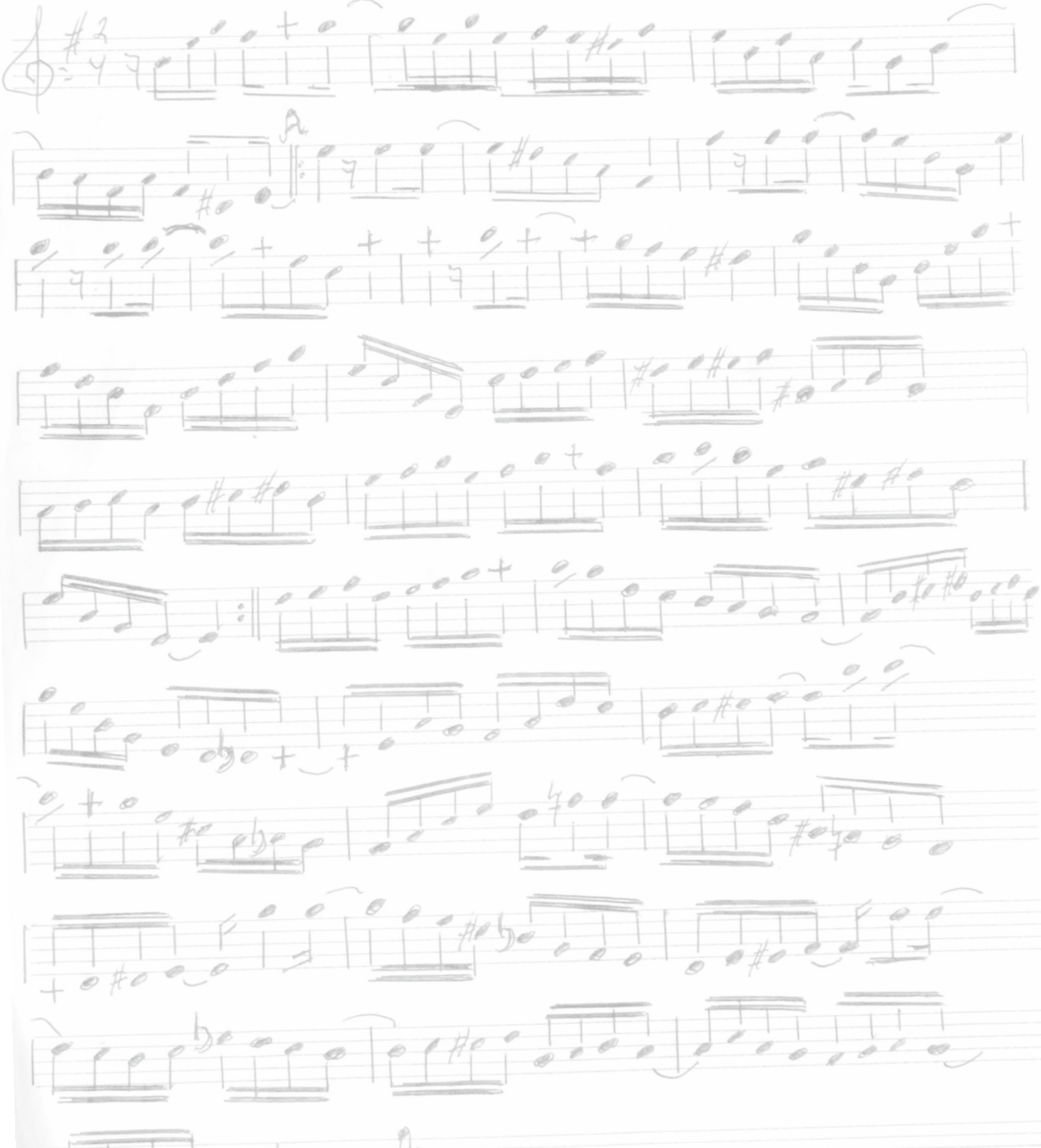
Me obriguei a estudar porque o meu avô era muito exigente e dizia: "ou tu vai estudar ou não pega o instrumento". Aí eu comecei a estudar música com ele mesmo, Rodolfo Heinrich.

Daí pra cá começou a escola do mundo, né? Levanta aqui, cai ali, e vai à luta pra sobreviver... com os erros, com os acertos, até quando cheguei ao exército; ai sim eu fui obrigado a encarar mesmo o instrumento. Toquei nove anos de clarinete, depois foi mais uns 18 de saxofone, já na brigada [militar], no caso".

♩=88
TENOR

VIVENDO E APRENDENDO!

POSSI
TAVARES



"Vivendo e Aprendendo!"

"O choro triste, o outro, "Vivendo e Aprendendo"... [foi feito] pelas lições da vida, que me trouxe até hoje... Vamos dizer... Em seis décadas... Eu comecei com nove pra dez anos... Em seis décadas... Vou considerar assim, mais rigorosas no sistema, porque ou tu aprende ou abandona, não é? Então eu digo até um termo um pouco cruciante: "rigoroso"; porque eu sempre fui uma pessoa assim: bom, tu não pode pesar pra ninguém; se eu dou a palavra, eu tenho que cumprir e corresponder, senão não assumo.

Eu tenho isso aí comigo. Então, o "Vivendo e Aprendendo" foi [feito por causa] das minhas décadas de música. Por quê? Porque dentro desse meio eu sempre vivi e aprendi o que é certo, o que é errado, o que é meio termo, né? (risos) Enfim, o que é em excesso... Né? E inspirado nisso eu fiz esse choro."

Possidônio Tavares

AUTOR DO CHORO "VIVENDO E APRENDENDO!"

VIVENDO E APRENDENDO

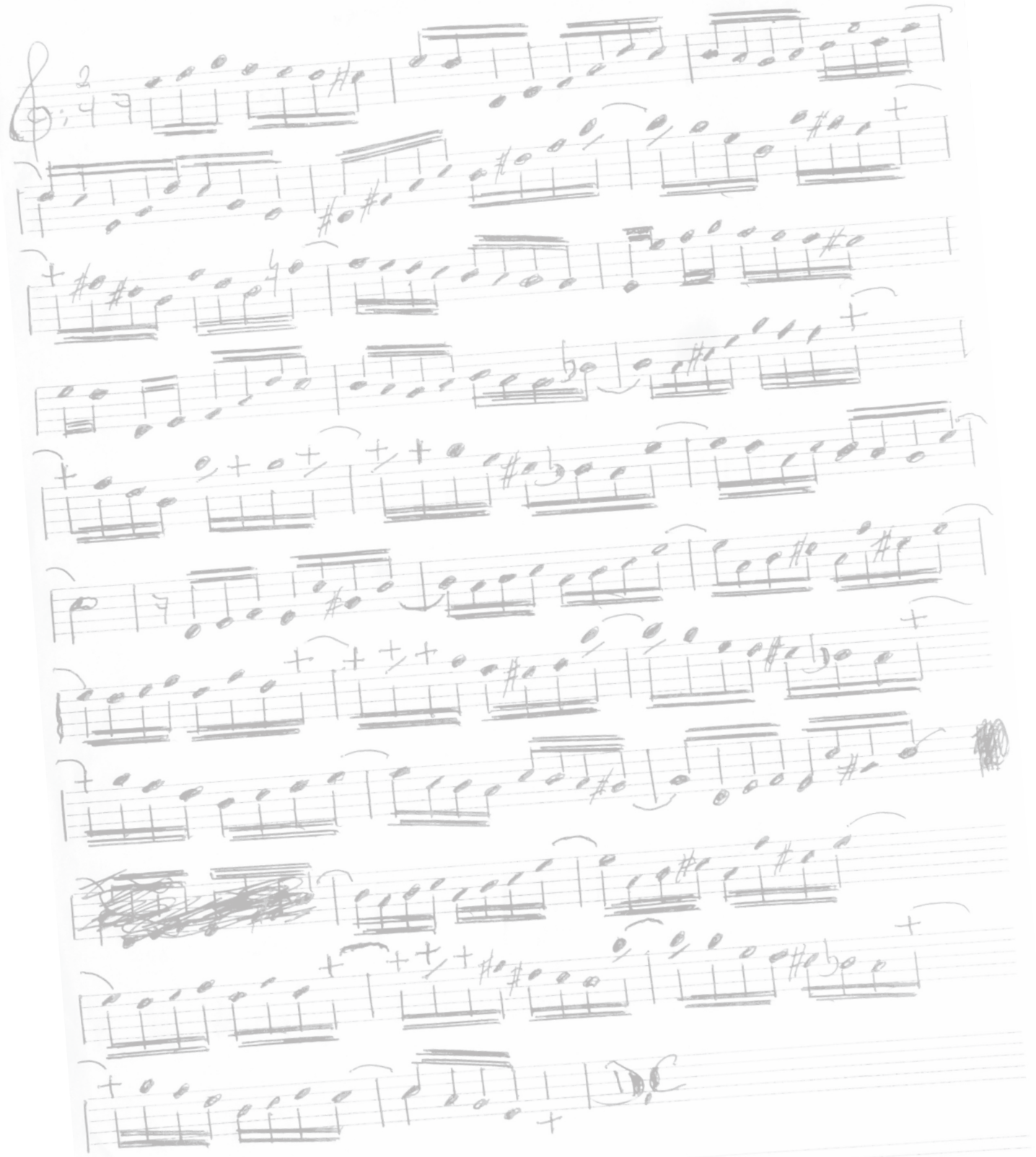
Forma: Intro

Possidônio Tavares

G
Em
A7(13)
A7(♭13)
Am7
D7
28
Bm7(♭5)
E7
Am
C♯m7(♭5)
F♯7
31
Bm
Am
Cm6
Bm7
Em
34
Am
D7/F♯
1
G
2
G
B7
37
D. 𝄋 AL
𝄐
C
𝄐
Em
F♯m
B7
E
D♯m7(♭5)
G♯9
C♯m
G♯7
C♯m
44
F♯7
B7
Bm7
E7
47
Am
C♯7
F♯
50
Am6
G♯m7
C♯7
F♯m7(♭5)
B7
Em
53
D.S. al Fine

TEMPO DE GAFIEIRA

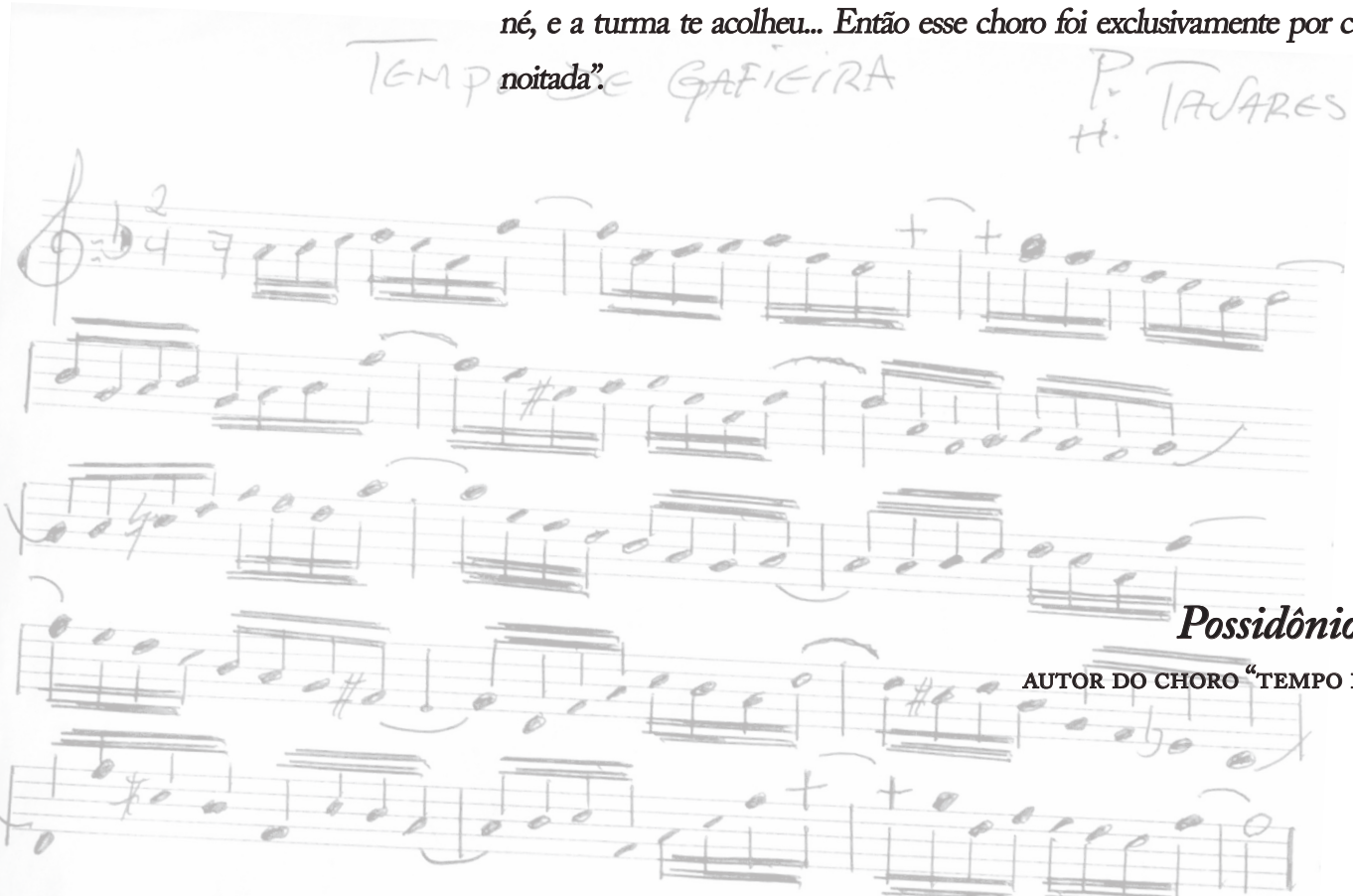
P. H. TAVARES



"Tempo de Gafieira"

"Eu fiz esse choro... cheguei em casa, na madrugada, tinha tomado uma cerveja aqui no... e tu estavas tocando; eu não estava. Tu tocou com tanta alegria assim, que eu cheguei em casa e digo "eu vou fazer uma música pro Rafael tocar".

Uma música minha bem alegre, pois tu tava num entusiasmo... Claro, novo aqui, né, e a turma te acolheu... Então esse choro foi exclusivamente por causa daquela noitada".



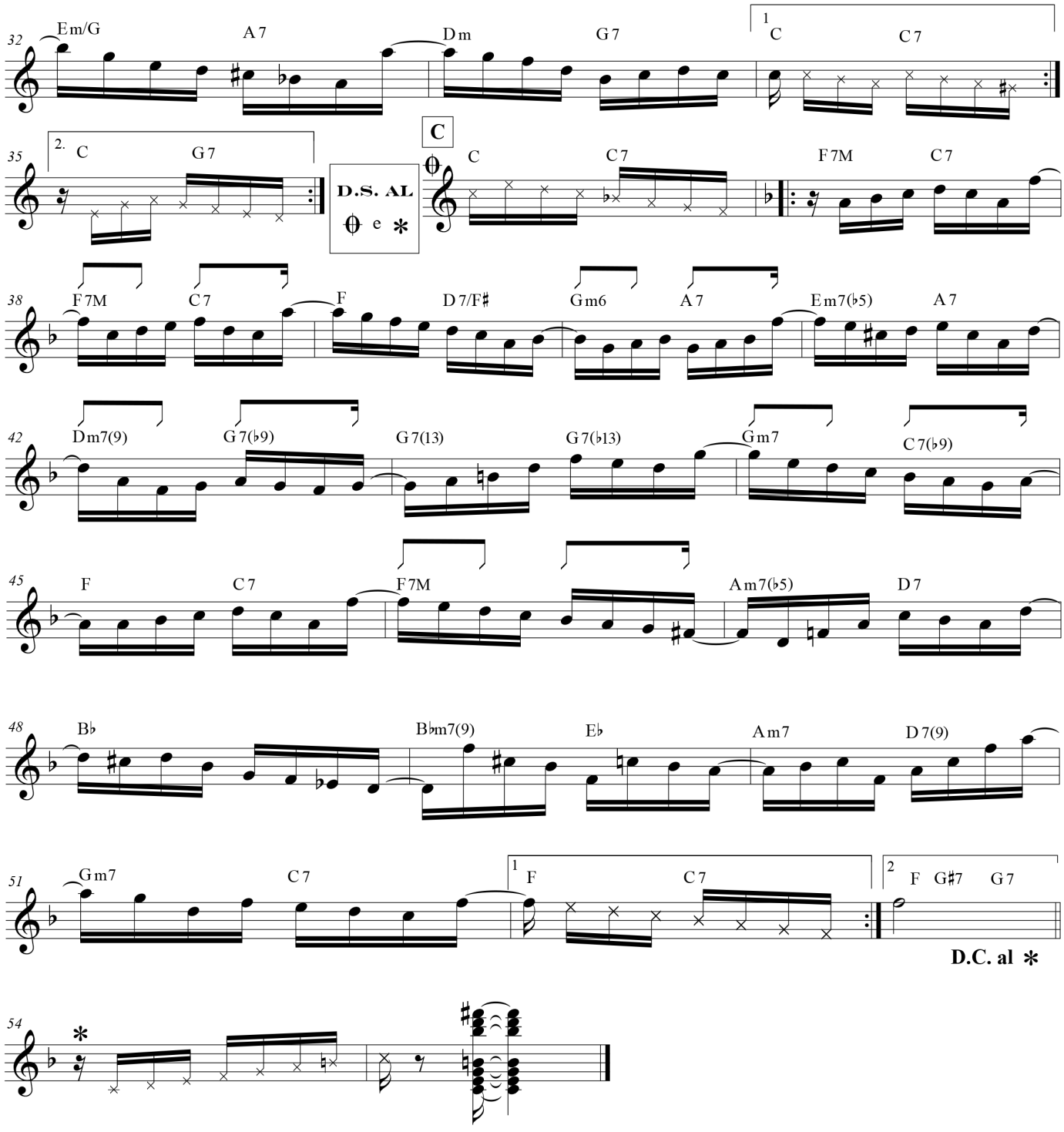
Possidônio Tavares

AUTOR DO CHORO "TEMPO DE GAFIEIRA"

TEMPO DE GAFIEIRA

Forma: AABBACCA

Possidônio Tavares


32
Em/G
A 7
Dm
G 7
1
C
C 7
35
2.
C
G 7
D.S. AL
e
C
C
C 7
F 7M
C 7
38
F 7M
C 7
F
D 7/F♯
Gm6
A 7
Em7(♭5)
A 7
42
Dm7(9)
G 7(♭9)
G 7(13)
G 7(♭13)
Gm7
C 7(♭9)
45
F
C 7
F 7M
Am7(♭5)
D 7
48
B♭
B♭m7(9)
E♭
Am7
D 7(9)
51
Gm7
C 7
1
F
C 7
2
F
G♯7
G 7
D.C. al
54

Germano Pinho em sessão de gravação de entrevista Discoteca L.C. Vinholes - LabEt / UFPEL, 2017.
Foto: Everton Maciel.

Germano Pinho

"Eu Nasci no dia 2 de junho de 1928, portanto em cima das contas são 89. A minha experiência musical foi no colégio Gonzaga. Tinha um professor na época, o jornalista Barbosa Lessa, que formou um conjunto chamado Minuano com violão, gaita de 8 baixos, pandeiro e outro violão. Depois, quando saí do Gonzaga, conheci outros rapazes do colégio e formamos um conjunto vocal inspirado no conjunto mais famoso do Brasil na época, o Quatro Azes e um Coringa. Como já existia em Pelotas outro conjunto vocal rival no mesmo estilo chamado Cancioneiros do Ritmo, criamos o grupo com o nome de Piratas do Ritmo. Passado um tempo eu arrumei outro grupo e assim foi indo, pois os grupos não foram dando certo. Até que chegou a década 1980 quando eu conheci o Avendano tocando com o seu regional. Conversando com ele eu disse: "vem cá, eu tenho algumas músicas, quem sabe tu não quer ouvir alguma coisa?" Ele disse "claro". Então ele me deu o seu endereço e eu fui lá e mostrei as minhas músicas pra ele. Ele largou o cavaquinho e me disse: "Bah, mas era isso que eu precisava; gostei das tuas músicas, vou mostrar as minhas e acho que vai sair alguma coisa daqui".

O Avendano já tocava com um cavaquinhista chamado Toinha, grande compositor de valsas e choros, daí eu disse: "Acontece que vocês estão formando alguma coisa, mas eu não sou violão de regional, porque faço as minhas composições para mim". Mas ele disse: "é isso que eu quero". Daí começamos a conversar, isso em 1982, 1983... Depois ele convidou o Nogueira, que já tocava com ele, pra fazer o disco. Depois de dois anos de gravações lançamos o disco em 1984, fazendo alguns shows principalmente em Pelotas e Rio Grande. Botávamos os discos nas lojas e em poucos dias acabava, porque o pessoal achava que era o Waldir Azevedo".

Dois Caminhos

(Chôro) de Avendano Junior e Germano Pinho

"Dois caminhos"

"O Avendano morava perto de mim, a uma quadra. Lá pelas oito horas da noite eu normalmente ia encontrá-lo para tocarmos, pois na minha casa não havia um espaço apropriado.

Ao chegar em sua residência ao invés de tocar a campainha, eu escutando ele tocando na sala, peguei o violão e o respondi com uma frase no mesmo tom, continuamos assim por um tempo até que ele me perguntou se íamos continuar assim ou eu ia entrar para acabar logo o que tínhamos começado.

Foi assim que foi criada a música Dois Caminhos."

Germano Pinho

CO-AUTOR DO CHORO "DOIS CAMINHOS", EM PARCERIA COM AVENDANO JR.

DOIS CAMINHOS

Forma: AABBA coda

Germano Pinho e Avendano Jr.

Cm
A7
24
D7
D
28
6
Gm7
G7
32
Cm
36
Gm
Am7(♭5)
D7
Gm7
39
D.S. al Coda
D7
Gm7
Gm7
42

Aloim Soares (primeiro da direita para a esquerda).
Foto: Acerdo da família.

Aloim Soares

"Aloim Soares era mecânico, trabalhava nas granjas consertando motores de caminhão. Era muito detalhista, desmontava tudo que via e remontava.

Começou a tocar instrumentos musicais aos cinco anos de idade: violino, cavaquinho e acordeon. Seu pai tinha muitos filhos e exigia que todos tocassem no circo. Ele começou a tocar violão de 7 cordas quando passou a frequentar o bar Liberdade. Como ele não tinha violão de 7, adaptou uma corda extra a um violão de seis.

Ele tinha uma oficina e montava diversos instrumentos tais como cavaquinhos e violões, criou até um Bandoquinho (violão e cavaquinho juntos num mesmo corpo) além de outros instrumentos curiosos."

Sinara Soares

FILHA DE ALOIM SOARES

"Resmungão"

"O nome desta música foi dado pelos companheiros de regional (acho que pelo Nogueira), devido à postura exigente e séria com que Aloim se apresentava no bar Liberdade, sisudo sempre.

Fora do ambiente do bar era muito simpático e alegre, e convidava seus amigos para os churrascos musicais que fazia em sua casa no [bairro] Barro Duro".

Sinara Soares

SOBRE A CRIAÇÃO DO CHORO "RESMUNGÃO", DE SEU PAI ALOIM SOARES

RESMUNGÃO

CHORO

Aloim Soares

21
C♯7
C7
B7
B♭7
25
1
A7
D7
E7
E7
A7
30
2
D
E7
A7
Dm
A7
Dm
D.S. al Coda
34
Gm
G♯°
Dm
D7
Gm
A7
Dm

Arnóbio "Toinha" Borges em data não identificada.
Foto: Acervo família.

Arnóbio "Toinha" Borges

"Arnóbio Madruga Borges, o "Toinha", nasceu em Piratini em 27 de janeiro de 1935. Começou a tocar desde muito menino. Ele era pequeno e a mãe dava um instrumento pra ele brincar, dai ele falou: "Mãe, quero um cavaquinho". O pai comprou a madeira e fez um cavaquinho de madeirinha pra ele. Então a mãe colocou ele no conservatório de música.

Toinha tocava muito numa boate em frente à CEEE; lá ele era muito conhecido, tinha muitos conhecidos lá dentro, chamavam ele de Ambrósio. O Avendano Jr., que era muito amigo dele, arrumou um serviço pra ele no [supermercado] Cinquentão como chefe da confeitaria. Depois ele saiu de lá e começou a tocar profissionalmente nas boates como o Sobrado, junto com o Solon Silva.

Quando ele saía do sobrado ficava esperando a academia passar, ele era apaixonado pela "Doente Academia de Samba". Ele nunca desfilou, mas sempre tocou cavaquinho. Fez parte do grupo que acompanhava a Elis Regina durante a época em que tocava e vivia no Rio Grande do Sul. Sempre marcou presença na vida cultural de Pelotas, tocando na Rádio Cultura, sendo convidado a acompanhar os cantores que por aqui passavam, tal como a Elza Soares e a Beth Carvalho.

Chegou a ser convidado a integrar o regional do Waldir Azevedo mas não foi porque a família não deixou".

Heloisa Helena Borges

IRMÃ DE ARNÓBIO "TOINHA" BORGES

Arnóbio "Toinha" Borges (primeiro da esquerda para a direita) tocando em baile.
Foto: Acervo da família.

"Tio João"

"A música 'Tio João' foi uma homenagem a um primo bem mais velho que era chamado pelos sobrinhos mais novos de Tio.

O primo não era músico, mas era um pé de valsa, não saía das festas; ele era muito generoso com a família dele, por isso o Toinha fez um baião para ele."

Heloísa Helena Borges

IRMÃ DE "TOINHA", AUTOR DO CHORO "TIO JOÃO"

TIO JOÃO

AAAABBBBAACoda

Toinha

G°/E♭
D7
31
31
G
G7/F
C/E
37
37
G
43
G°/E♭
D7
1. G
47
D.S. al Coda
G
C/E
D7
G
52
52

Bibliografia consultada

CARVALHO, Thais de Freitas. Gente da noite: *Cultura popular e sociabilidade noturna em Pelotas RS (1930-1939).* Dissertação, (Mestrado em Historia), UFPEL, Pelotas, 2013.

_____. *Um lugar chamado Liberdade: música popular, tradição e boemia em Pelotas.* Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História), UFPEL, Pelotas, 2010.

COELHO, Luís F. H.; *Batutas e azes ao sul do sul: Sentidos em trânsito na música popular brasileira em Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre entre os anos 1920 e 1930.* Caderno de resumos do Primeiro Encontro de Pesquisa do Bacharelado em Música da UFPEL - Um Panorama. Pelotas: UFPEL, 2016. (No prelo)

SILVEIRA, Ana Paula Lima. *Relatório do projeto de pesquisa: Avendano Júnior: A tradição do choro em Pelotas.* Cadernos do LEPAARQ – Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio, V. I, n°2. Pelotas: Editora da UFPEL, 2004.

NETO João Francisco Pinheiro, et al. *Entre Choros e chorões: Projeto de registro das práticas musicais e da memória oral dos chorões pelotenses.* Anais [recurso eletronico] do 3 Congresso de Extensão e Cultura da UFPel. Pelotas: Editora da UFPel, 2016. 2.222p. Disponivel em: <wp.ufpel.edu.br/congressoextensao> Acessado em: 5 de Março de 2017.

Clube do Choro de Pelotas - Mercado Público Municipal, 2017.
Foto: Raul Costa d'Ávila.

Agradecimentos

Secretaria Municipal de Cultura de Pelotas
Mercado Público Municipal
Centro de Artes da UFPel
Familiares de Toinha, Aloim Soares e Avendano Jr.: Heloísa Helena Borges, Sinara Soares e Rita.

CADERNOS DO *choro* DE PELOTAS

CENTRO DE ARTES
NÚCLEO DE MÚSICA POPULAR
LABORATÓRIO DE ETNOMUSICOLOGIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
RS-BRASIL

UFPEL